



# JORNAL ALIANÇA



INFORMATIVO DE DIVULGAÇÃO DAS AÇÕES DA ALIANÇA GUARANÁ DE MAUÉS | ANO 2018 - EDIÇÃO 2 - MAUÉS, AMAZONAS



**MAUÉS RECEBE SEMANA DA AGRICULTURA FAMILIAR E DEBATE ORGÂNICOS**

P.8

**PARCERIA ENTRE AGM E UEA BUSCA PROFISSIONALIZAR ARTESANATO LOCAL**

P.7



**INTERCÂMBIOS CULTURAIS FINALIZAM TEMPORADA COM RESULTADO POSITIVO**

P.3

## ESTUDO VAI IDENTIFICAR PRINCIPAIS GARGALOS E PROPOR MELHORIAS PARA O GUARANÁ

Desde o final de 2017, pesquisadores coletam dados sobre produção do carro-chefe de Maués e identificam

possibilidades de melhorar a cadeia do guaraná e evitar que os produtores continuem tendo prejuízos.

P. 4 E 5



## TURISMO SUSTENTÁVEL

É preciso mudar a visão local sobre como fazer Turismo e abandonar a ideia de 'apenas receber'.

P. 6

## 'EU SOU MAUÉS'

Exemplos de determinação e histórias de vida que precisam ser compartilhados.

P.8

Acompanhe as atividades da AGM no Facebook:



/aliancaguaranademaues



ANO 2018 - EDIÇÃO 2 - MAUÉS, AMAZONAS

# EDITORIAL



A Aliança Guaraná de Maués se aproxima de seu primeiro ano de realizações. Ao longo desse período, foi realizado um intenso trabalho de mobilização nas várias áreas de atuação da AGM. A atuação dos grupos de trabalho começa a tomar forma e já é possível ver resultados concretos de tudo o que foi feito nos últimos meses

No aspecto sociocultural, um dos GTs mais atuantes e independentes da AGM, a principal bandeira tem sido a valorização, resgate e a perenização das tradições locais, seja na música, com o Gambá, seja no conhecimento associado a parteria, ou ainda nas ações de valorização do artesanato como fonte de renda no município.

A agenda dos últimos meses foi intensa, mas contou com a valiosa participação de inúmeras organizações, grupos e coletivos locais.

O GT de Educação é outro que merece destaque, as propostas estão

seguinto firmes e fortes, junto ao plano de ações nas escolas infantis, lançado no segundo semestre deste ano, valorizando a fauna, flora e identidade cultural de Maués.

Da mesma forma, a Aliança tem avançado na realização de um diagnóstico participativo da cadeia do guaraná, que, desde 2017, reúne dados e informações dos produtores rurais do município para a proposição de melhorias que atendam toda a região. Os problemas já identificados não são novidade, mas também precisam ser avaliados sob o ponto de vista da busca por soluções.

O GT de Produção Sustentável, assim como o Conselho de Produtores, tem sido fundamental nesse processo de identificar as falhas e, a partir disso, pensar no que pode ser feito para buscar a melhoria coletiva dos grupos de produtores rurais. Continuamos acreditando que trabalhando

juntos somos mais fortes e eficazes, e somente dessa forma podemos entender as exigências do mercado e avançar em nosso empreendimento, pois afinal, cada propriedade rural é um negócio que deve ser administrado com muito carinho, pois sabemos e reconhecemos todo suor e esforço que é aplicado na agricultura familiar.

Por fim, o GT Turismo ainda tem muito trabalho pela frente, uma vez que buscar melhorias para os que visitam o município é uma atividade que só pode evoluir quando houver de fato a valorização do que Maués tem de melhor, sua diversidade cultural e uma natureza exuberante. Mas isso não significa sentar e apreciar, pois a

atividade turística pode ser uma das principais formas de geração de renda dentro de Maués, bem como uma forma de evidenciar o que a Amazônia tem de bom, para o Brasil e o mundo.

É importante destacar que as ações mostradas aqui no Jornal Aliança são apenas uma parcela do que é feito diariamente por todos os que integram os nossos GTs. Ou seja, nos sentimos confiantes de participar de todo esse movimento e reforçamos o convite para que você acesse o nosso Facebook, siga e participe da Aliança Guaraná de Maués!

Boa leitura!



## FICHA TÉCNICA

O Jornal Aliança é um produto bimestral da Aliança Guaraná de Maués, iniciativa que busca promover melhorias para o município. Saiba mais sobre a AGM no site: [idesam.org/agm](http://idesam.org/agm)

**Coordenação:**  
Ramom Morato  
Eric Brosler

**Edição:**  
Samuel Simões Neto

**Textos:**  
Henrique Saunier

**Fotos:**  
Adriano Sarmento  
Arquivo Idesam

**Editoração:**  
Tiago Nascimento

**Projeto Gráfico:**  
Ana Cláudia Medeiros

**Colaboraram nesta edição:**

Aldeilson de Souza, Caroline Lara, Claire Ana Gruber, Ednamar Viana, Ellen Mendonça, Henry Solimões, Jacy Marinho, Jean Macedo, Jonisson Soares, Jorge Tamioka, Karine Aguiar, Laís Bentes, Luca D'Ambros, Marta Oliveira.

**Fale conosco:**

Rua Barão de Solimões, Nº 12 - Parque das Laranjeiras - Flores - Manaus (AM)  
(92) 3347-7350 / (92) 99142-5629

**Impressão:**

Grafisa Gráfica e Editora  
Tiragem: 1.000 exemplares

# Intercâmbios mostram papel da cultura de povos tradicionais na preservação

Pesquisadora destaca que crises ambientais aceleram o desaparecimento de tradições

O resgate de práticas ancestrais e a ligação entre a preservação do meio ambiente com a sobrevivência destas tradições têm norteado as atividades dos Intercâmbios de Mestres e Mestras do Gambá e outras manifestações culturais de Maués. Com seis edições já realizadas apenas em 2018, a troca de conhecimentos acontece sempre em alguma comunidade, com a participação de moradores de outras localidades e apoio do GT Produção Sociocultural, da **Aliança Guaraná de Maués** (AGM).

As comunidades de Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro e Santa Fé (área indígena) foram as últimas a abrigar os encontros. Na comunidade de Santa Fé, o evento contou com a presença de Tuchauas e Manas do conhecimento ancestral dos rituais e manifestações tradicionais da região, que interagiram com os mestres e mestras ribeirinhos de diversas comunidades de Maués, proporcionando um momento de troca de saberes e diversão para todos os presentes.

Entre essa troca de saberes estão as especificidades do próprio Gambá “caboclo” e o Gambá “indígena”, que apesar de estarem em um universo cultural bem próximo, possuem suas diferenças, conforme aponta a cantora e pesquisadora amazônica Karine Aguiar, que pôde acompanhar alguns encontros.

Atualmente em andamento com sua pesquisa sobre música no interior de Maués e a relação que ela estabelece com a natureza, para a Universidade Estadual de Campinas, Aguiar ressalta que o repertório de cantigas do Gambá Indígena é muito mais voltado a falar sobre as tradições dos ancestrais do povo Sateré-Mawé, enquanto que o repertório do Gambá não indígena (o caboclo) além de assumir uma dimensão religiosa (por meio das ladainhas), também tem uma dimen-



Intercâmbio dos mestres e mestras do Gambá e outras manifestações no Araçatuba do Limão.

são profana com temas que podem assumir desde um discurso jocoso, do amor romântico ou exaltar as próprias tradições das comunidades não-indígenas que o praticam.

Sobre a ligação da preservação do meio ambiente com a sobrevivência dessas manifestações, Aguiar afirma ser uma reação em cadeia, e que a crise ambiental é um fator preponderante para o desaparecimento de muitas das culturas tradicionais.

“Não há como pensar sobre manifestações musicais na Amazônia sem passar pela problemática da crise ambiental. Emprestamos muita coisa da estética musical ocidental como padrões melódicos, rítmicos e harmônicos, mas, a ‘eco crítica’ que a nossa música faz de nossa

própria região, seja nas suas letras, na inserção de sons da natureza como o ruído das águas e o canto dos pássaros, é que faz esta música diferente de todas as outras existentes no planeta”, salienta Karine Aguiar.

Para a pesquisadora, a atuação da **Aliança Guaraná de Maués** na revitalização dessas culturas é um trabalho urgente e necessário, não só para a garantia da sustentabilidade ambiental ou econômica, mas para a sustentabilidade cultural da região.

## Resgate cultural

O primeiro encontro promovido pelo GT de Produção Sociocultural da AGM aconteceu na comunidade São José do Paricá, em março deste ano, com o tema “Tamboreando cultura nas águas e florestas da origem do guaraná”. Desde então, mais intercâmbios também foram promovidos pela **Aliança Guaraná de Maués** nas comunidades Ilha Michiles, Nossa Senhora dos Navegantes e Araçatuba do Limão.

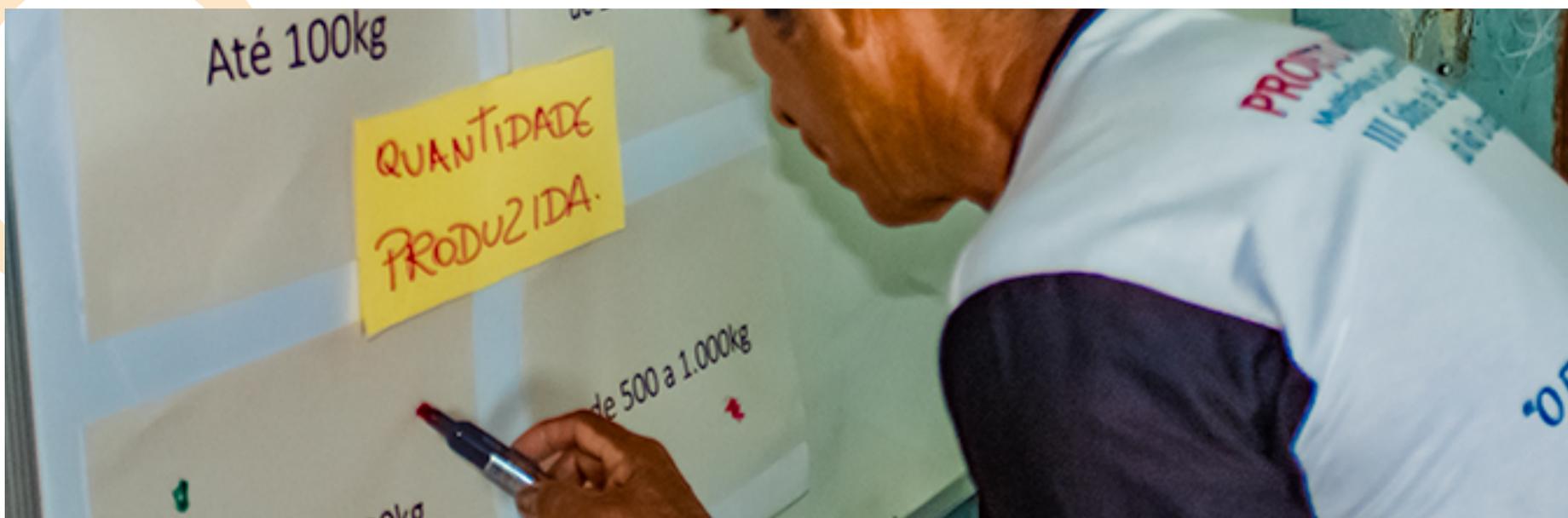
Nesta última edição, além do Gambá, uma das atrações principais foi o tradicional Boi de Terreiro Teimosinho, guiado pelo Mestre Iracito, que resgata a manifestação que antigamente ocorria em diversas comunidades da região, além da apresentação da tradicional Tapiraiauaara, apresentada pelos mestres e brincantes da Comunidade Santa Maria.

Para o coordenador técnico da AGM, Eric Brosler, esses encontros favorecem a interação dos detentores do conhecimento com as crianças e jovens das comunidades, para resgatar e fortalecer os costumes ancestrais, visando sempre a qualidade de vida das comunidades de uma forma saudável e sustentável.

Ao encerrar esse ciclo de intercâmbios, Brosler aproveitou para agradecer aos que participaram do movimento, incluindo os grupos de Gambá ‘Caminhando com Jesus’, ‘Retomando os Tambores’, ‘Pingo de Luz’, além do Mestre Barrô, Mestre Banguela, Mestre Marajó, Mestra Martinha, Tuchaua Pitacinho, Tuchaua Dionísio, Tuchaua Pedro, Zeca, Mana Brasilina, Erick Dammon, Tuchaua Josibias, entre outros.

Confira as próximas atividades da Aliança Guaraná e faça parte!

[idesam.org/agm](http://idesam.org/agm)



# Produtores de Guaraná convivem com prejuízo: o que precisa mudar?

Objetivo do novo estudo da AGM é identificar pontos que necessitam de maior atenção

Com a safra anual de 145t e mais de 990 estabelecimentos da agricultura familiar (censo agropecuário IBGE 2017), Maués lidera como o município que tem maior produção de guaraná da agricultura familiar no Estado do Amazonas e o que tem a maior quantidade de agricultores familiares que estão envolvidos diretamente nesse arranjo produtivo no Brasil.

O inadequado manejo na produção do guaraná, com baixo rendimento por hectare, e muita mão-de-obra, origina elevado custo de produção do grão torrado (guaraná em rama), junto com forte presença de atravessadores intermediando a comercialização, sem organização dos agricultores, gera prejuízo no para esses agricultores familiares.

Este cenário pôde ser observado no “Estudo da Cadeia de Valor do Guaraná de Maués”, elaborado pela AGM, em colaboração com os próprios produtores e demais envolvidos no segmento local.

O estudo se propõe a destrinchar os custos de produção, que variam conforme o tamanho da área, o tipo de cultivo e as técnicas agrícolas empregadas. A composição do custo de produção da semente torrada do guaraná, por exemplo, leva em considera-

ção o investimento no plantio diluído por 20 anos, além dos gastos com manutenção, manejo, colheita, aquisição de insumos, entre outros itens.

O resultado encontrado não foi totalmente positivo: no geral, para todos os níveis de produção analisadas no estudo (guaraná clonado e de semente) foi constatado um custo acima do preço médio de mercado, ou seja, os produtores da região operam em prejuízo. Esta foi uma realidade percebida nas médias gerais das entrevistas aplicadas aos produtores, todas verificadas em oficinas participativas.

A estrutura e as técnicas utilizadas há anos pelos antepassados dos produtores tradicionais, conferem um status mais artesanal ao produto mauesense, porém, com baixos índices de produtividade e retorno aos produtores. Um dos casos do estudo é o processo de fermentação dos frutos do guaraná, que são dispostos no chão (em piso de alvenaria ou em lona plástica), em sacos de ráfia ou em uma estrutura chamada ‘gareira’.

Depois da fermentação, é preciso despolpar o fruto, e isso ainda é feito de forma precária, na mão ou pisando nos frutos depositados no chão. Alguns agricultores já investem em máquinas de despolpamento do fruto do guaraná, mas

estes casos ainda são exceções.

Outro fator que pesa no bolso é a figura do atravessador e as questões logísticas dessa relação comercial. A semente torrada, que tem como destino principal a fabricação de refrigerantes, em sua maioria é comercializada para agroindústrias via atravessadores ou associação de produtores. Todo o transporte é bancado pelo produtor, com valor entre R\$30 e R\$200 por viagem, que ocorre por via fluvial.

A comercialização via intermediários é o principal canal de escoamento da produção, segundo 86% dos produtores entrevistados. De um modo geral, as empresas não estabelecem contratos de compra e venda com produtor. Apenas 6%

dos entrevistados disseram possuir algum tipo de acordo firmado.

Para a engenheira agrônoma Laís Bentes, essas informações vão auxiliar nas medidas estratégicas e nas decisões que precisam ser tomadas para organizar cada vez mais o segmento do guaraná a partir de agora.

“Esses dados podem ajudar em diversos pontos da cadeia, seja na parte de tratos culturais, manejo da cultura, na produção, nas diferentes técnicas aplicadas ao guaraná convencional ou orgânico. O diagnóstico vai nos ajudar a ter uma visão melhor sobre organização social, ao associativismo e começar a despertar neles a busca por organização, acesso a novos mercados”, destaca Bentes.



Produtores se reúnem para debater problemas e buscar soluções.



## Identificar os problemas é o 1º passo para a mudança



Troca de experiências entre diferentes perfis de produtores são fundamentais.

Os principais gargalos mencionados pelos produtores, como o baixo preço de venda do produto, o alto custo da produção, a dependência de intermediários e dificuldades de acessar mercados com preços diferenciados, são os pontos fundamentais que necessitam de ações mais diretas.

O primeiro aspecto levantado pelo estudo trata da melhoria nas condições de compra e venda e repasse de preços ao produtor da semente torrada, através de uma maior rastreabilidade dos produtos comercializados via intermediário, procurando garantir que o preço pago ao produtor não seja inferior ao de produção. O segundo aspecto diz respeito ao desenvolvimento do mercado do guaraná com valor agregado, fortalecendo organizações e empreendedores locais para comercializar o fruto em pó, bastão ou outros derivados com mercado diferenciado.

Um exemplo positivo é a Associação dos Agricultores Familiares do Alto Urupadí (AAFAU), que já se organiza para acessar mercados internacionais com seu produto orgânico. A associação está em fase de captação de recurso para acessar a certificação e capital de giro. Além do apoio financeiro, ela busca suporte para entender as exigências do mercado, estabelecer plano de marketing e plano de negócios.

Secretária da AAFAU e produtora agrícola, Ednamar de Oliveira Viana afirmou que a dificuldade de acesso a diferentes mercados foi uma das motivações para o grupo se organizar e tentar a certificação. Ednamar confirma que a produção atual é escoada principalmente pelos intermediários, o que para ela não significa um mercado com preços justos. “Ficamos muito à mercê dos atravessadores, e com o guaraná atingindo preços mais baixos, ficamos sem condições de vender a um preço justo”, completa Ednamar.

Outro importante ponto recomendado no estudo é auxiliar os grupos produtivos a se inserirem em lógicas mais integradas de produção, como a valorização dos próprios Arranjos Produtivos Locais, que devem ser fomentados a fim de potencializar as oportunidades de crescimento que necessitam de planejamento conjunto.

“Maués possui um importante e histórico arranjo produtivo que traz valorização da identidade local e renda aos agricultores familiares, mas está passando por um período crítico de transição e, de acordo com os agricultores está em colapso. Todos os elos da cadeia precisam pensar juntos ao agricultor familiar, a partir de uma visão compartilhada, coletiva e adequada à realidade dos produtores”, enfatiza Eric Brosler, coordenador técnico da AGM.

## Novos e antigos buscam agricultura sustentável

Troca de informações entre produtores quer promover melhorias no campo e na venda

O conhecimento tem sido a principal ferramenta do Conselho de Produtores da AGM para combater antigos problemas do setor primário da região: falta de organização, falta de práticas produtivas sustentáveis e desvalorização dos produtos. Isso tem mudado aos poucos, graças aos encontros promovidos para o intercâmbio de experiências entre agricultores de diferentes comunidades.

Essa convergência de saberes e metas em comum tem ajudado o Conselho de Produtores a se fortalecer cada vez mais, com os jovens ganhando mais espaço nas discussões. Isso mostra o desejo das novas gerações em traçar melhorias não só para a atividade em si, mas para a qualidade de vida local.

Para Eric Brosler, coordenador técnico da AGM, os intercâmbios têm trazido diferentes perfis de produtores, sejam orgânicos, tradicionais, indígenas, guaranicultores ou de outras culturas.

É essa integração que estimula o jovem agricultor Jean Macedo, 19, nascido e criado na comunidade São Raimundo do Mutuca. Jean tem participado ativamente das reuniões do Conselho de Produtores da AGM. “Precisamos de organização para alcançar nossos objetivos e isso interfere no preço, pois, se você é mais organizado, acaba agregando valor no produto e valoriza seu preço. Mas isso precisa passar por uma organização de todas as etapas da cadeia”, ressalta Jean Macedo.

Com a macaxeira como principal atividade da agricultura familiar no Mutuca, as visitas e atividades com moradores das comunidades de Vera Cruz e Paricá trouxeram novas perspectivas. “Recebemos muitas orientações de maneira técnica e prática.

Descobrimos que o nosso solo, por ser diferente de outras comunidades, como o de Paricá e Vera Cruz, precisa de um tratamento mais intensivo, com fertilizante natural, além de limpezas constantes”, exemplifica Jean.

Para Jonisson Soares, outro jovem produtor do Mutuca, o agricultor também precisa ser um pesquisador, experimentando diferentes técnicas até encontrar a mais apropriada a sua realidade. “Já passamos por oficinas de agroecologia e algo que mudamos em nossa prática foi a questão das áreas queimadas, pois perdíamos muitos nutrientes da terra. A gente nem imaginava, porque era uma técnica que vinha desde os

**“AGRICULTORES E AGRICULTORAS, ADULTOS E JOVENS, QUE SE RESPEITAM E, MESMO ATUANDO DE FORMAS DIFERENTES, SE FORTALECEM POR UMA ÚNICA LUTA.”**

Eric Brosler, coordenador da AGM

nossos pais”, salienta Jonisson.

Nascido e criado na comunidade São José do Paricá, o produtor Adeilson de Souza, 45, ressalta a dificuldade em mostrar às novas gerações a importância do campo, pois muitos querem estudar fora da cidade ou acabam ficando ociosos. “A gente sempre trabalha para fazer o jovem entender que a agricultura é um trabalho digno, tentamos resgatar o interesse dos jovens pelo campo”, salienta ‘Dedeco’, como é conhecido.



# Falta de estrutura básica impede avanço das atividades turísticas em Maués

Turismo local ainda é dependente das festas sazonais, algo problemático para uma economia que precisa se movimentar o ano todo.



Orla do município, que recebe os barcos de turistas, é um exemplo da falta de estrutura

Um cenário com belezas naturais, praias, pesca esportiva, comunidades tradicionais ribeirinhas e indígenas já seria mais do que suficiente para colocar Maués no mapa do ecoturismo regional e até mesmo nacional. No entanto, todo esse leque de opções não é suficiente para atrair turistas, enquanto a estrutura básica de deslocamento e recepção continua precária. São alguns desses entraves que o Grupo de Trabalho (GT) de Turismo da **Aliança Guaraná de Maués** busca minimizar, buscando apoio de empresários do setor e de toda a população.

Maués ainda possui um turismo muito apoiado nas festas sazonais, algo problemático para uma economia que precisa se movimentar o ano todo. Para se ter uma ideia, a média anual de turistas contabilizada pela Sectur (Secretaria Municipal de Cultura e Turismo) ainda oscila de acordo com as atrações trazidas para as principais festas da cidade. Em 2017, a Festa do Guaraná correspondeu a 80% dos quase 50 mil turistas que visitaram Maués durante o ano todo, de acordo com

Henry Solimões, que atua na Sectur e é membro do **GT de Turismo**.

“Queremos colocar Maués de novo em uma visão turística para o mundo”, afirma Henry, que aponta cursos de agentes de turismo e

**“O TURISMO EM SI NÃO É SOMENTE A RECEPÇÃO E HOSPEDAGEM. ENGLIBA MUITA COISA E MUITAS MELHORIAS. MAUÉS PRECISA DE UMA VISÃO TURÍSTICA PARA O MUNDO”**

Henry Solimões, Sectur

culinária como um primeiro passo para algo que precisa ser ampliado a toda uma cadeia. “O turismo em si não é somente a recepção e hospedagem. Engloba muita coisa e muitas melhorias”, completa Henry. Na avaliação do empresário Luca

D'Ambros membro do **GT de Turismo**, essas melhorias só virão se acompanhadas de uma estrutura básica que permita o turista chegar e sair de Maués de maneira rápida e econômica, diferente da realidade atual. “Existe município brasileiro que vive exclusivamente do Turismo, mas são lugares com uma logística para chegar extremamente facilitada, ao contrário do que acontece aqui. E são coisas que dependem pouco das pessoas ou dos empresários. O projeto de ampliação do aeroporto que já existe há mais de dez anos e foi incluído no PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) 1 e 2, não saiu do papel até hoje”, lamenta Luca.

Empreendedora do segmento em Maués, Claire Ana Gruber destaca a falta de engajamento do próprio empreariado, o que segundo ela, atrasa a organização do setor como um todo. “Precisamos inovar, mas ainda são coisas básicas que faltam na cidade e isso afeta no turismo. Não temos um banco 24 horas na cidade e faltam placas de sinalização, além dos poucos restaurantes que aceitam cartão. Temos grande potencial, mas precisamos nos organizar”, reforça Gruber.

## Saídas para um turismo perene e sustentável

Compartilhando do desejo de aumentar o fluxo turístico de Maués, a secretária de Turismo de Maués, Ellen Mendonça, elenca as ações da Sectur, ressaltando ainda o cuidado para evitar impactos negativos nas comunidades e no meio ambiente.

“A gente tem esse desafio de conseguir despertar o interesse das pessoas a visitar Maués independente de ter festa ou não. Estamos trabalhando na pesca esportiva, no roteiro de mergulho aquático do Rio Jacundá, nos sítios arqueológicos e com o turismo comunitário sustentável de roteiros interativos, onde o turista vai na comunidade e participa de alguma atividade que aquela comunidade desenvolve. Nesse modelo, ele ajuda a criar aquele produto e no final leva o produto, deixando um lastro financeiro para a comunidade”, exemplifica Ellen Mendonça.

Uma saída para esse turismo de base sustentável e comunitária é a proposta da Ilha Michiles, que desde 2005 luta para regularizar as visitas turísticas na aldeia. O turismólogo Jorge Tamioka, que fez o seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a TI, identificou a necessidade de um Plano de Visitação Turística, exigido pela Funai. De acordo com a liderança da comunidade, o tuxaua Josibias Alencar, a comunidade “ainda está vendo os procedimentos legais”.

“O plano precisa ser elaborado por uma equipe que envolva a Funai, FEI (Fundação Estadual do Índio), Amazonastur, UEA, secretaria de turismo e profissionais da área. Nós já escrevemos 90% desse plano, mas precisa ser validado por estas instituições”, explica Tamioka.



Atividades de artesanato podem agregar diferentes gerações em Maués.

## Curso quer incentivar profissionalização do artesanato local

**M**aués possui uma tradição antiga do artesanato com influência indígena, que resiste em meio a uma invisibilidade comercial e a falta de infraestrutura adequada. Tendo a cerâmica, os arranjos de sementes e o teçume (técnica de trançar a palha ou cipó) como fortes elementos desse legado ancestral, mestres e mestras do artesanato mauésense participam, até novembro, de um curso promovido

pela AGM para revitalizar e ganhar novos conhecimentos sobre como levar a história do município em forma de arte para outros cantos do País.

O curso “Negócios de Fibra: Estratégias de organização e comercialização para o artesanato tradicional de Maués” está sendo desenvolvido em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - Campus Maués. A ideia da qualificação surgiu após as primeiras reuniões do Grupo de Trabalho (GT) de Produ-

ção Sociocultural da AGM, onde foi percebida a necessidade em desenvolver melhor a venda dos produtos. Em vez de simplesmente ajudar a aumentar as vendas, foi construída uma capacitação para que o grupo passasse a ter autonomia sobre isso e outros aspectos da atividade.

O tema principal do curso é ‘gestão de negócios aplicada à cadeia produtiva do artesanato local’; são abordados desde a extração da matéria-prima ao acabamento das peças, passando ainda pela sustentabilidade ambiental. Infraestrutura e segurança para produção do artesanato, gestão de pessoas, marketing, também fazem parte do conteúdo. Todo esse trabalho visa ajudar esses artesãos a desenvolver uma identidade visual em cima da forte identidade cultural do artesanato tradicional de Maués, para então ganhar novos mercados.

O curso, ministrado pela en-

genheira florestal Caroline Lara, ainda vai auxiliar os artesãos a elaborar um modelo de negócios e um plano de vendas, considerando o cálculo dos preços dos produtos, uma das questões cruciais do segmento. Com encontros mensais e atividades práticas, os participantes serão certificados pela UEA.

### Unidade modelo: sonho antigo

Localizado na Comunidade Menino Deus, a construção de um galpão com um forno para a produção de cerâmica é um sonho antigo dos artesãos de Maués. A artesã Marta Parintins de Oliveira é uma das que comemora a conquista, que segundo ela deve ajudar não só na produtividade, mas na união com artesãos de outras localidades.

“O barracão era um sonho de todos nós. Não tínhamos o barracão e agora já temos essa estrutura de forno para queimar as vasilhas. Já temos cerca de 20 pessoas associadas e mais pessoas estão se interessando pela atividade e a ideia é que artesãos de outras comunidades possam usar essa estrutura”, destaca Marta Oliveira.

Com a técnica de forno trazida da Argentina pela ceramista e professora Analia Basset, a estrutura é um símbolo dos esforços dos artesãos, que de acordo com Caroline Lara, só deve aumentar mais a aproximação do grupo. “A ideia é sempre que eles se unam e consigam desenvolver estratégias em conjunto, como uma espécie de rede do artesanato de Maués”, completa Lara.



## Aliança Guaraná de Maués nas ondas da rádio

**T**odas as quartas-feiras, ao meio-dia, a população mauésense já pode se informar sobre as principais atividades da Aliança Guaraná de Maués (AGM), ao sintonizar na Rádio Guaranópolis (1.170 KHz). Sempre com a presença do coordenador técnico do Idesam, Eric Brosler, o espaço é uma forma de levar as notícias dos eventos e ações futuras da AGM aos moradores do município.

Segundo Brosler, a ideia é sempre convidar um membro de algum dos Grupos de Trabalhos da Aliança: produtores, técnicos agrícolas, educadores, sempre preocupados em passar informações pertinentes do setor e da iniciativa.

Dentre os que já passaram pelo microfone do espaço da AGM na Rádio Guaranópolis, estão o professor do Ifam, Paulo Adelino, o coordenador da Semed Maués, Cleber-

son Santos, a engenheira agrônoma Laís Bentes e o Mestre Barrô do Gambá, apenas para citar alguns.

“O programa tem repercutido bem, as pessoas ouvem e estão dando retorno positivo, pois trazemos assuntos importantes, como a saúde e outras questões culturais”, reforça Brosler, ao afirmar que a ideia é expandir ainda mais o alcance da Aliança Guaraná também em outras emissoras do município.



## Semana da Agricultura Familiar chega a Maués

Evento integrou a Semana Nacional do Alimento Orgânico, realizada em todo o Brasil



Jovens participam da primeira edição do evento em Maués.

A primeira edição da Semana da Agricultura Familiar vai desembarcar em Maués (AM), com uma programação de quatro dias repleta de conhecimentos sobre o setor primário. Realizada em conjunto com a Semana Nacional do Alimento Orgânico, no período de 8 a 11 de agosto, o evento foi uma oportunidade de intercâmbio entre estudantes, agricultores e instituições que atuam no segmento no interior do Estado.

A AGM foi uma das organizadoras da Semana, em parceria com a Comissão de Produção Orgânica do Amazonas (CPOrg), atualmente coordenada pelo Idesam na Superintendência Federal de Agricultura em Manaus. Entre as ações realizadas ocorreu uma mesa-redonda sobre políticas públicas, uma demanda trazida pelos próprios produtores locais, conforme aponta o coordenador técnico da AGM, Eric Brosler. O evento também contou com apoio da Prefeitura de Maués, por meio da Secretaria de Produção Rural (Sepror) local.

“O objetivo da semana foi a valorização da agricultura familiar e dos produtos regionais, trazendo consciência e saúde aos consumidores e

famílias, atrelada à renda dos agricultores familiares, melhorando o bem viver de todos”, ressaltou Brosler.

Na Comunidade São Raimundo do Mutuca, houve um intercâmbio sobre práticas sustentáveis com alunos, agricultores e técnicos, com dinâmicas de grupos e trocas de experiências sobre criação agroecológica de animais, agrofloresta, entre outros temas.

O Instituto Federal de Educação do Amazonas (IFAM) em Maués concentrou o maior número de atividades, com diversas oficinas como a de aproveitamento de resíduos orgânicos e de biofertilizantes, além de relatos de experiências sobre diferentes culturas, incluindo a do guaraná e de criação de peixes.

O encerramento ocorreu na Feira do Produtor de Maués, com barracas dos principais órgãos que trabalham com agricultura familiar, para tirar dúvidas e prestar informações sobre acesso a financiamentos, indicação geográfica do guaraná, saúde e receitas com alimentos locais.

O último dia do evento foi finalizado com muita música e arte com ao som dos mestres gambazeiros de Maués, além das bandas Eko Mawe e Tambores da Floresta.

## EU SOU MAUÉS

Acompanhe essas e outras histórias de vida no facebook da **Aliança Guaraná de Maués**.



**Jacy Marinho**

Servidora pública/autônoma

Com 28 anos de experiência na área de saúde, como técnica de enfermagem, a funcionária pública Jacy Marinho hoje tem um dos escritórios mais invejáveis da cidade: o calçadão da Avenida Antártica, um dos cartões-postais de Maués. De professora a candidata à vereadora, Jacy hoje escolheu um caminho mais sossegado e há um ano ela também trabalha como tacacazeira, com planos para se aposentar no ano que vem. “Minha filha quem deu a ideia de montar a barraca de tacacá”, conta Jacy.

“Coloquei a banquinha para estar aqui, conversando com as pessoas. Além disso, faço um trabalho na saúde, levando as pessoas que precisam de tratamento para a capital”, explica.

A receita da bebida que hoje ela vende aos seus clientes — muitos deles velhos conhecidos que chegam para botar o papo em dia — foi repassada pela mãe, que trabalhava na roça cultivando mandioca e produzindo farinha e tucupi. A herança cultural do guaraná também está no sangue com o pai, que foi guaranalista. “Fico até o fim da vida aqui em Maués. Gosto muito da cidade, apesar de algumas tristezas, com a violência, mas daqui não saio”.



**Jean Rivair Macedo**

Agricultor

Um dos grandes impasses da vida de Jean Rivair Macedo foi decidir se daria continuidade aos estudos após se formar no ensino médio, ou se permaneceria na comunidade do São Raimundo do Mutuca para ajudar os parentes a fortalecer a atividade da agricultura familiar local. Ele escolheu ficar, mas isso não deteve as ambições e planos do jovem agricultor de apenas 19 anos de fazer a diferença no lugar onde nasceu.

Atuando principalmente no cultivo da macaxeira, ele sonha com uma cadeia produtiva da agricultura mais interligada entre as comunidades, o que deve levar a um mercado com maior valorização dos produtos orgânicos locais, segundo Macedo. Ele ainda lembra a importância de incentivar nos jovens o interesse pela atividade, algo que desde pequeno ele recebe dos pais.

“Quando era criança, minha mãe me levava todos os dias para estudar em Maués e depois voltava. Sempre foi presente em mim esse sentimento de trabalhar e fazer a diferença, tentar melhorar essa realidade”, relata Macedo, que atualmente é um membro ativo do **GT de Produção Sustentável** e do Conselho de Produtores da AGM.